

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)
e outras arquiteturas

ORGANIZAÇÃO

Luciana Saboia
Ana Elisabete Medeiros
Paola Ferrari

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)

e outras arquiteturas

EDITORA



UnB

Coordenação de produção editorial

Revisão

Diagramação

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Mariana Donner

Mônica Luce Bohrer

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF

CEP: 70910-900

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser
armazenada ou reproduzida por qualquer meio
sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

P964

Projeto, ensino e espaço universitário [recursos
eletrônico] : o Instituto Central de Ciências
(ICC - UnB) e outras arquiteturas /
organizadoras, Luciana Saboia, Ana Elisabete
Medeiros, Paola Ferrari. – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2023.
293 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-092-3.

1. Universidade de Brasília. Instituto Central
de Ciências. 2. Arquitetura. 3. Campi
universitários. I. Saboia, Luciana (org.). II.
Medeiros, Ana Elisabete (org.). III. Ferrari,
Paola (org.).

CDU 727:378.4

Sumário

Apresentação | *Luciana Saboia Fonseca Cruz e Ana Elisabete de Almeida Medeiros* 7

PARTE 1 | Projeto e Ensino: a universidade de Brasília e outras arquiteturas no Brasil

1. Da gênese e magnitude da praça | *Matheus Gorovitz, Maria Cláudia Candeia de Souza* 18
2. Grelha modular na ilha artificial: O projeto da Cidade Universitária no Rio de Janeiro e o ensino de arquitetura | *Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu* 34
3. O Campus Joaquim Amazonas da UFPE: criação, consolidação, desafios atuais e perspectivas | *Fernando Diniz Moreira* 44
4. A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960) | *Sérgio Moacir Marques* 62
5. Da megaestrutura à estrutura mínima: o sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais | *Carlos Alberto Batista Maciel* 84

ICC | Caderno de imagens 95

PARTE 2 | O Instituto Central de Ciências: projeto, construção e vivência

6. O instituto de Niemeyer | *Andrey Rosenthal Schlee* 152
7. Planos e projetos do Instituto Central de Ciências, 1963/2013 | *Cláudio Oliveira Arantes* 184
8. A complexidade da síntese | *Elcio Gomes da Silva, Juliano Caldas de Vasconcellos e José Manoel Morales Sánchez* 202
9. Projeto e questões ambientais: percorrendo o Instituto Central de Ciências | *Cláudia Naves D. Amorim, Caio Frederico e Silva e Guilherme D. Sales* 222
10. O ICC como espaço museológico | *Reinaldo Guedes Machado* 240
11. Berçário de inovação e integração de saberes | *Frederico Flósculo Pinheiro Barreto* 252

CONSIDERAÇÕES FINAIS | Projeto e memória: (re)configurações do ICC

12. O Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília: pedagogia e megaestrutura | *Paola Caliarri Ferrari Martins* 266

Índice remissivo 279



Da gênese e magnitude da praça

MATHEUS GOROVITZ

MARIA CLÁUDIA CANDEIA DE SOUZA

Antes de surgir não se tem a menor noção das possibilidades de uma obra de arte

GOETHE

PREÂMBULO – OPORTUNIDADE DESPERDIÇADA

O Plano Piloto de Brasília (1956) localiza o Campus da Universidade na vizinhança da Esplanada dos Ministérios e do Setor Cultural. Deslocado depois para as margens do lago, Lucio Costa elabora o Plano Piloto do Campus (1962), posteriormente reformulado por Oscar Niemeyer (1962). Desta época, subsiste apenas o Instituto Central de Ciências, derradeiro resquício do que viria a ser um marco da Arquitetura Moderna no Brasil.

Lamentavelmente, em decorrência do golpe militar de 64, e até hoje, esses projetos permanecem relegados, assim como foi usurpada às gerações que se sucederam, apesar da volta ao Estado de Direito, a disposição de aspirar a um viver mais fraterno. Resta a expectativa de serem reconhecidos pelo que são enquanto projeto: a esperança de um porvir, utopia ainda mais imperativa neste tempo obscuro em que a indiferença prevalece.

Vem à tona ao lembrá-los a ideia do projeto como proposta de convívio, a vocação da arquitetura de dar forma aos espaços da cidadania, da coabitação e conciliação dos valores público e privado. A cidadania alicerça-se na harmonia das esferas Privada e Pública¹, tarefa encampada por Lucio Costa: “Os interesses do homem como indivíduo nem sempre coincidem com os interesses desse mesmo homem como ser coletivo; cabe então ao urbanista procurar resolver, na medida do possível, esta contradição fundamental” (COSTA, 1995, p. 277).

SENTIDO DO PARTIDO PLÁSTICO

Caminante, no hay camino, se hace camino al andar

ANTONIO MACHADO

Onde há uma vontade, há um caminho

PROVÉRBIO

É oportuno o paralelo entre os projetos de Lucio Costa e o de Niemeyer para a Praça Maior Magna do Campus, as alternativas revelam o *sentido* adotado pelo Partido plástico, a “Escolha e fixação do *sentido*² geral a prevalecer na disposição dos pontos, das linhas, dos planos, dos volumes ou das cores [...] ou seja, a composição plástica” (COSTA, 1962, p. 148).

Lucio Costa correlaciona *Sentido* e *Composição*, a *Composição* consubstancia o Sentido; a polissemia deste termo (*intenção, significado e sentimento*) acena à condição de possibilidade do *Projeto* recompor as capacitações volitivas, intelectivas e sensíveis; apelo poético à *partilha de sentido* que confere à obra atemporalidade³.

DOS ANTECEDENTES DA PRAÇA ENQUANTO ESPAÇO DE CELEBRAÇÃO DA CIDADANIA

Quando eu penso no futuro, não esqueço o meu passado

PAULINHO DA VIOLA

A vila foi construída para o companheirismo, para o calor humano

ROY NASH

As transformações espaciais a seguir esboçadas têm o intuito de ressaltar a gênese histórica dos projetos aqui investigados. Motiva a incursão ao passado constatar a correlação entre estruturas ambientais urbanas e a cidadania. Seguimos à risca a recomendação de Lucio Costa: “A melhor maneira de prever é olhar para trás” (COSTA, 1995, p. 346).

O ponto de partida é a vocação da cidade para dar suporte à convivência afetiva, assim explicitada na definição de Lucio Costa: “Cidade é a expressão palpável da humana necessidade de contato, comunicação, organização e troca” (COSTA, 1995, 277).

Praças nem sempre ocorriam em vilas e cidades, frutos de um processo histórico, celebram a reciprocidade entre o domínio público e o privado. Ao

interagirem, seja numa relação de hierarquia e subordinação, ou de isonomia e equilíbrio, aos demais espaços da cidade engendram, respectivamente, a noção antiga e a moderna de cidadania.

Entende-se por cidadania a reciprocidade do exercício de direitos e deveres, que Aristóteles situa na governabilidade: “O cidadão é quem toma parte no fato de governar e ser governado” (ARISTÓTELES, 1999, p. 213).

No mundo antigo prevalece o caráter abstrato da cidadania, o cidadão qualifica-se pela semelhança – igualdade civil, jurídica e política –, mesmos direitos e deveres. A associação de semelhantes (*homonoia*) configura a pólis. A condição *moderna* de cidadania alicerça-se no advento do indivíduo como existência concreta capaz de distinguir criticamente o interesse próprio do interesse do todo – a pessoa consciente da capacidade de agir motivada pelos atributos sensíveis, éticos, racionais e volitivos da subjetividade. A consciência de si e a de ser coletivo engendram a moderna condição de cidadania. A arquitetura e o urbanismo andam par a par com esse processo.

Praças deixam transparecer e promovem as relações público/privado. A existência ou inexistência de praças, sua configuração espacial e como se articulam com os demais setores da cidade faculta discernir o sentido geral dos dois partidos para a Praça Magna do Campus da UnB – o de Lucio Costa, demarcado por um espaço confinado, e o de Niemeyer, aberto à paisagem.

NEOLÍTICO – ÇATALHUYUK

A cidade de Çatalhuyuk (6250 – 5400 a.C.) comportava de 5.000 a 7.000 habitantes irmanados pelo comum acordo de uma economia da caça e coleta do que a natureza providencia espontaneamente. A fusão entre o homem e a natureza manifesta-se no animismo, crença que discrepa da religião pela relação imediata entre a esfera profana e a sagrada, veneram-se entidades particulares, não mediatizadas por deidades universais e abstratas. A intimidade homem-natureza engendra a consciência social comunitária, moldada sem interferência de uma ordem religiosa ou de estado. Tal socialismo primitivo distingue-se pela igualdade e pela ausência de relações de propriedade, poder ou hierarquias sedimentadas, fatores de estratificação social.

Os princípios fundamentais que amparam a sociedade são o compartilhamento e a fraternidade – há concordância entre os valores do homem como indivíduo e como ser coletivo⁴.

As relações sociais e o grau de consciência espelham e se espelham na ausência de praças, monumentos e na homologia entre os espaços cerimoniais e os domésticos, imbricados e indiferenciados.

IMPÉRIOS AGRÁRIOS – UR

Assentamentos consideravelmente mais populosos decorrem da revolução agrária e da domesticação de plantas e animais. O regime de propriedade de terras cultiváveis implica em um arcabouço jurídico e hierárquico abalizado nas convicções de governantes. O regime hegemônico legitimado por delegação divina se incumbe de resolver conflitos fundiários e, como mantenedor da ordem política e social, é o fator agregador da comunidade, nesta linhagem insere-se o Código de Hamurabi. O poder centralizado transparece na hierarquia dos lugares sagrados e profanos: de um lado o centro cerimonial com feições monumentais contrasta com a espacialidade dedálea dos lugares destinados à vida cotidiana. O Temenos, cidadela sagrada reservada às celebrações cerimoniais, se destaca pela plataforma elevada e pelo ordenamento geométrico.

Ruas e caminhos inexistentes em Çatalhuyuk articulam agora os lugares.

GRÉCIA ANTIGA – PRIENE

As disposições ordenadoras de templos, palácios egípcios e sírio-babilônicos são rebatidas à cidade grega concebida como um todo articulado mediante o traçado hipodâmico. A trama reticulada não hierarquiza os lugares de celebração cívica e os espaços da vida doméstica. Espaços confinados ou abertos configuram praças destinadas à função pública, seja de caráter laico e gregário – a Ágora, ou de caráter sagrado – a Acrópole. O equilíbrio entre o público e o privado é assim descrito por Vernant:

A ordem não é mais hierarquizada, ela consiste na manutenção de um equilíbrio entre potências de agora em diante iguais, sem que prevaleça por nenhuma delas um domínio definitivo sobre as outras que conduziria a ruína do cosmos (VERNANT, 1981, p. 123).

Figura 1 – Çatalhuyuk, reconstituição.

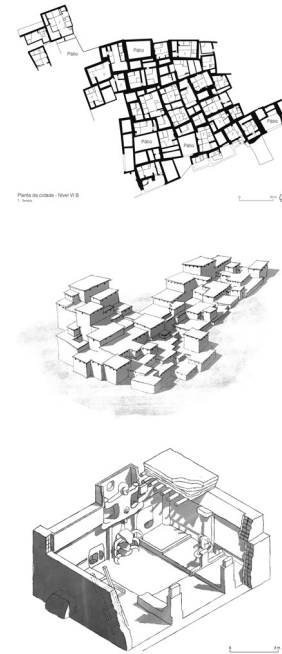


Figura 2 – Ur, reconstituição.

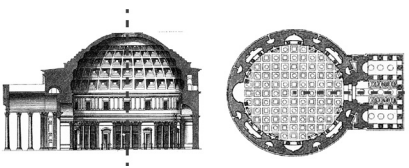


Figura 3 - Priene.

Figura 4 - Panteão romano.

A trama espacial reguladora do traçado motiva a ubiquidade: a impressão de vivenciar de modo simultâneo todos os espaços da cidade. A colunata que adorna o interior dos templos egípcios volta-se para fora e, ao permear as fachadas, assinala o acesso franco das graças divinas a todos os cidadãos. As habitações muradas faceando a rua preservam o decoro mediante um pátio para onde se voltam os ambientes domésticos.

A Grécia Antiga consubstancia nas cidades a noção de cidadania ao exaltar os atributos do indivíduo enquanto ser coletivo; a unanimidade de sentimento (*homonoia*) engendra a concórdia amistosa.

ROMA

O direito jurídico romano, contribuição que perdura, considera tanto a dimensão do indivíduo enquanto pessoa, assim como ser coletivo. A noção de direitos e deveres é celebrada pelo desenho da cidade e pela arquitetura. A axialidade, fator de estruturação da cidade romana, contrasta com a homogeneidade das cidades gregas. Compete ao eixo articular os recintos de encontro – praças, templos e fóruns.

Eixos protagonizam a concepção de Brasília: “Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em um ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (COSTA, 1995, p. 284). O caráter volitivo da axialidade é observado por Le Corbusier:

O eixo é o ordenador da arquitetura, uma linha de conduta para um fim [...] O eixo é talvez a primeira manifestação humana; ele é o instrumento de todo ato humano. A criança que titubeia tende na direção do eixo, o homem que luta na tempestade da vida traça para si um eixo (LE CORBUSIER, 1995, p. 151).

A Cidade Romana inaugura espaços públicos em amplos interiores, como o Coliseu e o Panteão, este se articula à cidade pelo pórtico e à esfera celeste pela cúpula. Assim conjugados consagram, reconhecida a diferença, o limiar entre o sagrado e o profano – o público e o privado.

O espaço considerado como substância ativa corresponde à temporalidade histórica contraposta ao tempo cíclico da natureza. Norberg Schultz anota:

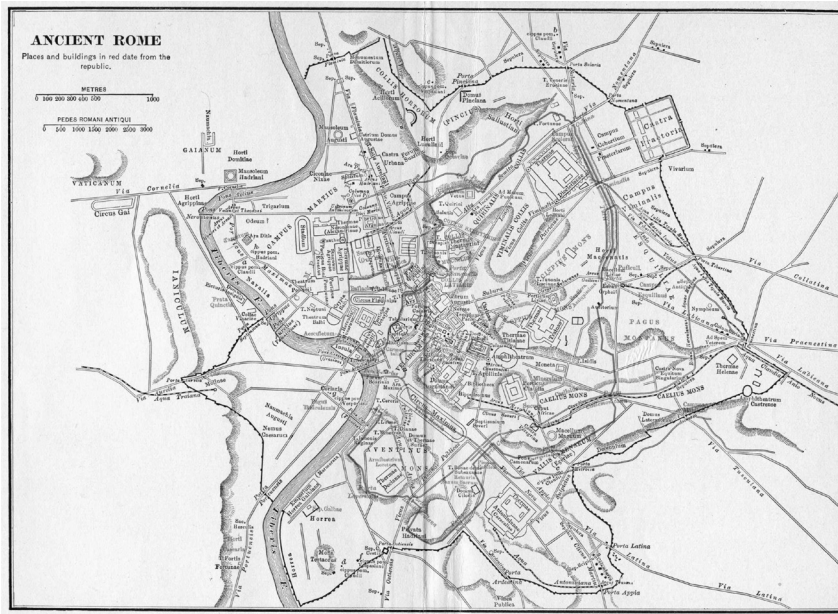


Figura 5 – Mapa de Roma.

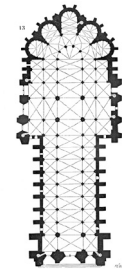


Figura 6 – Catedral de Reims.



Figura 7 – Carcassonne.

O espaço romano concretiza a visão de mundo não como uma ordem estática eterna (tal qual resulta do espaço ortogonal dos Egípcios) mas como cenário da ação humana inspirada pelos deuses [...] Em Roma os elementos ortogonais e rotativos se combinam para formar totalidades complexas, organizadas axialmente. Devemos igualmente mencionar que o eixo romano se refere geralmente a um centro resultante na maioria das vezes de uma interseção de eixos. A significação do eixo romano difere daquela que simboliza o percurso egípcio [...] Uma segunda característica distintiva da arquitetura romana reside na utilização estendida e variada dos espaços interiores assim como dos espaços exteriores 'ativos', distinguindo a arquitetura romana espacial, em contraste com aquela plástica dos gregos (SCHULTZ, 1997, p. 82-96)

A ordem cósmica e a ordem temporal são articuladas pelo *Cardo* e o *Decumano*, que se estendem para além dos limites da cidade e configuram a *Urbe et Orbe*, a Cidade e o Universo, o microcosmo e o macrocosmo. O arco do triunfo, invenção romana, assinala o trânsito entre a dimensão temporal e a atemporal. A imortalidade, triunfo sobre a morte, é doravante legitimada pela história e não, como na civilização egípcia, pela ordem da natureza e da abstração das forças cósmicas. Segundo Norberg Schultz:



Figura 8 - A Cidade ideal.

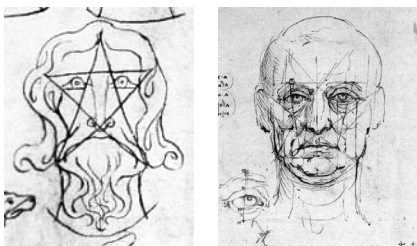


Figura 9 - Desenho de Villard de Honecourt.

Figura 10 - Desenho de Leonardo Da Vinci.

Figura 11 - The Circus, Bath.

Figura 12 - Roma, Bernini.



Para os romanos, a existência terrestre não era apenas uma reprodução de arquétipos ideais. A ordem cósmica e a ação prática eram entendidas como dois aspectos do mesmo processo histórico, ou seja, o reconhecimento da história como dimensão fundamental da existência humana (SCHULTZ, 1997, p. 112).

GÓTICO

O cristianismo primitivo se contrapõe à escravidão, alicerce econômico e social do Império Romano, apregoa a igualdade de todos os homens, filhos do mesmo Deus. Da pré-história à civilização greco-romana, a noção de afinidade e harmonia entre o sagrado e o profano estruturava a cidade. A era cristã concebe a cidade como expressão de transcendência entre o sagrado e o profano. A axialidade configura torres e flechas direcionando-as ao firmamento e, no interior das catedrais, congrega o *templum* e a *eclesia*⁵ – o sagrado e o profano.

A dicotomia entre o espaço imbricado e dedáleo do cotidiano e a retitude das catedrais celebra a cidade pela epifania – a revelação do inefável. Dicotomia corroborada no contraste entre a cidade murada e o campo, a *Civitas Dei* se instaura por oposição à *Civitas Terrena*.

RENASCIMENTO

A busca fundamental de toda arte renascentista, sintetizada pela invenção da perspectiva, é a inserção do cotidiano no sagrado. A perspectiva, representação finita do espaço infinito, rejeita a espacialidade ilimitada da arquitetura gótica e situa sua regra na proporcionalidade. A diferença de ideário renascentista e medieval transparece no confronto do rosto desenhado por Villard de Honnecourt, enquadrado na geometria preestabelecida, e o de Leonardo, que infere a geometria da experiência sensível – “Todo conhecimento principia do sentimento”, afirmava.

BARROCO

Imbuído de celebrar a autoridade de Estado por delegação divina, a contribuição do Barroco consiste em configurar a cidade-capital. Novos ordenamentos urbanos são criados para monumentalizar a cidade, as ruas

transformam-se em avenidas direcionadas às praças, sede dos monumentos. Unidades residenciais geminadas assumem caráter Palaciano.

“Toda a superfície da cidade se torna sagrada e assume um valor ideológico”, comenta Argan (ARGAN, 1994, p. 31). O Barroco exalta a imaginação como a prerrogativa capaz de potencializar o caráter volitivo da subjetividade. Como fator de transformação, a vontade anseia pela liberdade. Nesse sentido, Walter Benjamin comenta: “A subjetividade manifesta e visível representa a garantia formal do milagre, anuncia a própria ação de Deus” (BENJAMIN, 1984, p. 237).

NEOCLÁSSICO

A cidade neoclássica não promove, como a barroca, uma percepção motivada pela imaginação diante da obra aberta, sedutora, próxima, sensorial, sincrônica e alegórica. O novo ideário corresponde a uma estruturação plástica não regida pela centralidade e hierarquia. Implica numa recepção que é fruto de uma reconstrução intelectual, distanciada e diacrônica de entidades autônomas que compõem a obra. O sentido do sagrado é tributário do indivíduo consciente de sua autonomia. Ideário que Le Corbusier herdará (KAUFFMAN, 1982, p. 71).

Um homem que procura a harmonia tem o sentido do sagrado. Há coisas que não se tem o direito de violar: o segredo que está em cada ser – esta grande ordem ilimitada onde se pode, ou não se pode alojar sua própria noção do sagrado – individual, totalmente individual. Isto também se chama a consciência e é esta ferramenta de medida e responsabilidade ou de efusões que se estende do discernível (LE CORBUSIER, 2007, p. 19).

DO PLANO ORIENTADOR AO PROGRAMA DE NECESSIDADES

O texto de lei de 15 de janeiro de 1962 instituiu o Plano Orientador da Universidade de Brasília sob a égide de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. O projeto, além de conferir autonomia à instituição, visava integrar as áreas de conhecimento e flexibilizar o currículo (sistema de créditos e matrículas em disciplinas). O plano ia de encontro ao sistema de escolas autônomas estanques e sequenciais vigente nas instituições universitárias brasileiras. Os

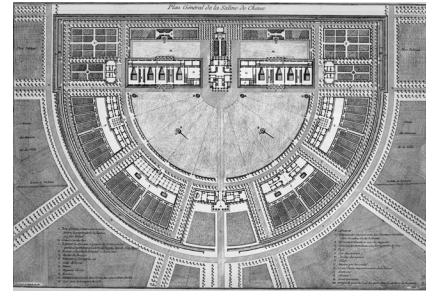


Figura 13 - Chaux.

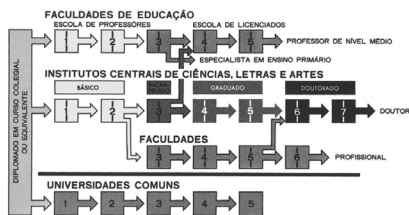


Figura 14 – Formas de ingresso à Universidade de Brasília (1962).

setores de formação e ensino integrados entre si e associados às atividades extracurriculares e aos serviços voltados à comunidade promoveriam o diálogo entre as áreas de conhecimento e uma vivência acadêmica profícua.

O sistema proporcionaria ao aluno caminhos alternativos ao longo de sua trajetória acadêmica, uma vez que o ingresso às faculdades se daria somente após dois anos de formação básica nos Institutos Centrais. Paralelamente a isso, o aluno usufruiria das atividades de extensão nos órgãos complementares, aperfeiçoando as suas habilidades profissionais e adquirindo maturidade para escolher a sua futura profissão.

A estrutura acadêmica se ancorava em três órgãos articulados: os Institutos Centrais destinados à formação básica e estudos introdutórios (Ciências, Artes e Humanidades), podendo se estender ao bacharelado, especialização e pós-graduação; as Faculdades Profissionais vinculadas ao ensino especializado e à pesquisa aplicada, e os Órgãos Complementares, que atuavam como unidades de apoio e centros de extensão (Aula Magna, Biblioteca Central, Rádio Universitária, TV Universidade de Brasília, Editora Universidade de Brasília, Museu e Casas da Cultura).

Lucio Costa converte o Programa de Necessidades, oriundo do Plano Pedagógico, no Plano Piloto (1962). Nele, orienta a implantação das edificações em conformidade com a topografia, a orientação solar e a paisagem lacustre; concentra na área central do Plano Piloto, além dos Institutos, os espaços de convívio social, como a Praça Magna, o Centro de Recreação e Cultura, os Órgãos Complementares e o Setor de Serviços Gerais (restaurantes, lavanderias e comércio).

Nos extremos norte e sul do campus, situa o setor esportivo e as residências dos estudantes e professores. O hospital e as escolas experimentais da Faculdade de Educação avizinham o sistema viário da cidade a fim de servir aos moradores.

DOS PROJETOS

Enquanto manifestação estética, convém precaver-se de ajuizamento maniqueísta; a obra será apreciada pela sua inteireza, ou seja, a coerência entre o *sentido geral* do partido e a composição que o concretiza. Síntese entre forma e conteúdo, o juízo é indutivo, fundamentado nos fatores intrínsecos à obra e não deduzido de categorias estéticas normativas ou consagradas pela história da arte.

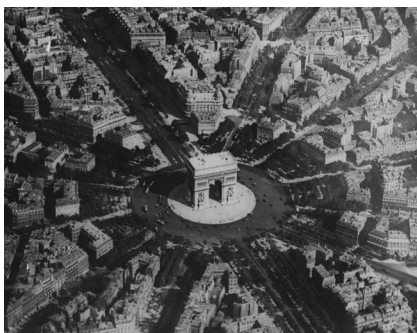
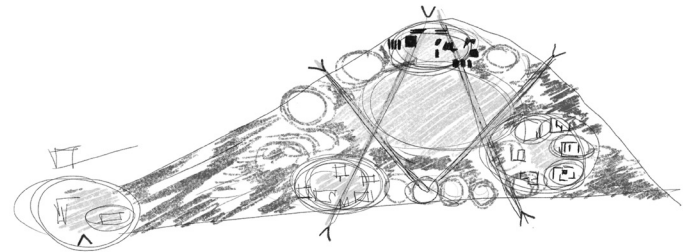
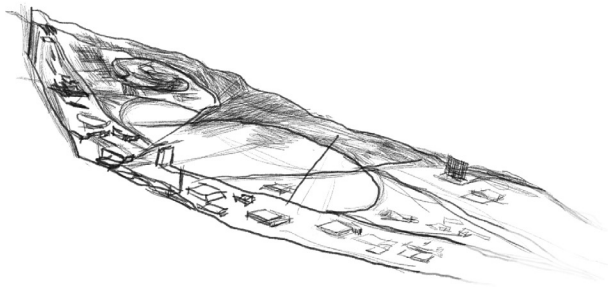


Figura 15 – Paris, Place de l'Étoile.

LUCIO COSTA - 1962

Modenatura

A exemplo de Brasília, Lucio Costa prevê dois centros de natureza pública: a Praça Magna, de caráter *institucional*, e o Centro de Recreação e Cultura, de caráter *gregário*. Para diferenciá-los vale-se da modenatura, “o modo peculiar como é tratada, plasticamente, cada uma das partes” (COSTA, 1962, p. 148).



A Praça Magna retoma o tratamento dado à escala monumental de Brasília: “A intenção arquitetônica é de severa dignidade, prevalecendo, em consequência, o caráter monumental [...] em que o homem adquire dimensão coletiva” (COSTA, 1962, p. 306). No Centro de Recreação e Cultura a escala é concentrada e gregária, dimensionada para o convívio motivado por valores afetivos, a exemplo da Plataforma Rodoviária de Brasília, onde: “O espaço foi deliberadamente concentrado e a atmosfera será gregária e acolhedora, onde as dimensões e o espaço são deliberadamente reduzidos e concentrados afim de criar clima propício ao agrupamento” (COSTA, 1962, p. 344).

Comodulação e Proporção

Para contrabalançar a Praça Magna, o Centro de Recreação e Cultura e as unidades acadêmicas, Lucio Costa vale-se da comodulação, “o confronto harmônico das partes entre si e com relação ao todo” (COSTA, 1995, p. 117).

O Centro de Recreação e Cultura compensa suas dimensões reduzidas pela centralidade, ocupa o centro geográfico da composição (como em Brasília), e, devido ao aclave, implantado a cavaleiro, domina o extenso entorno natural desimpedido de edificações, no dizer de Darcy Ribeiro: “imensa concha gramada suavemente recurvada” (RIBEIRO, 1995, p. 132).

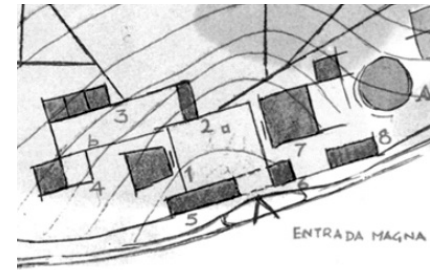


Figura 16 – Praça Magna - detalhe, Lucio Costa (1962).

Figura 17 – Plano Piloto da UnB – Lucio Costa.

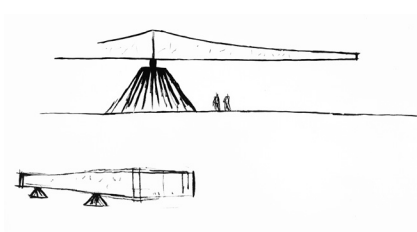
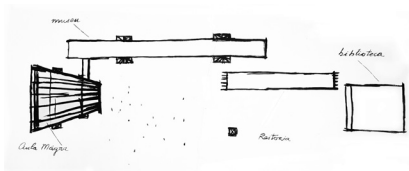
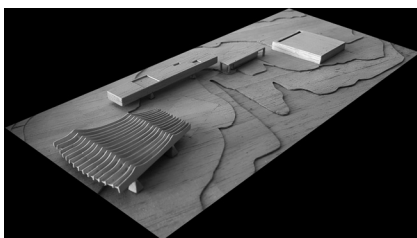
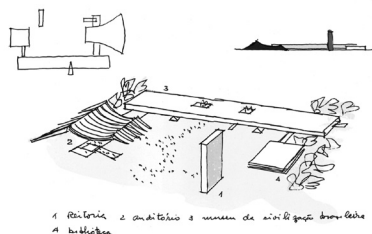
Figura 18 – Plano Piloto da UnB – Lucio Costa.

Figura 19 – Praça Magna – Niemeyer.

Figura 20 – Praça Magna – Niemeyer. Projeto Revisado.

Figura 21 – Praça Magna – Niemeyer. Projeto Revisado.

Figura 22 – Auditório e Museu da Praça Magna – Oscar Niemeyer.



A equivalência consolida a intenção já presente no desenho de Brasília: “O monumental e o doméstico entrosam-se num todo harmônico e integrado” (COSTA, 1995, p. 308).

O equilíbrio contraria a tradição das cidades nas quais os monumentos e lugares de celebração constituem focos emblemáticos incumbidos de articular os setores da cidade de modo hegemônico e hierarquicamente subordinado, como em Paris e Washington.

Os edifícios centrais: Reitoria, Biblioteca, Aula Magna e Museu são agrupados em torno da Praça Magna, que se diferencia das unidades acadêmicas –, institutos e faculdades previstos como entidades apartadas entre si por amplos espaços verdes, a exemplo dos campi americanos.

[...] de modo que cada unidade adquira expressão própria e autônoma, dando aos que nela trabalham o sentimento de que vivem numa comunidade ordenada, mas permitindo que ao sair reencontrem no parque geral a paisagem agreste do cerrado (COSTA, 1962, p. 23).

A comodulação é corroborada pelo paisagismo: “tratado a maneira de parque para melhor ambientação dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias, dos institutos, etc.” (COSTA, 1995, p. 289), disposição que também se justifica porque o Campus ocupa a área destinada à escala bucólica: “tratada com bosques e campos de feição naturalista e rústica” (COSTA, 1995, 294). Para a nova localização, recomenda: “Preservar a beleza da vegetação original, enriquecendo-a através do destaque de cada gênero florístico mediante sua concentração em uma área especial” (COSTA, 1963, p. 23).

O espaço da Praça Magna exibe duplo caráter: confinado e aberto. Voltado para o lago, o bloco do Museu da Civilização Brasileira e a Rádio Universitária delimita a fronteira entre Cidade e Campus, cujo limiar é assinalado por um pórtico⁶, e no lado oposto o Campus e a Praça se permeiam.

Axialidade

Lucio Costa recorre como fator de ordenamento e agenciamento arquitetônico à *axialidade*: um eixo virtual de simetria, assinalado pela altura da Reitoria, ordena a implantação das edificações e igualmente os eixos de circulação, precavendo-se, porém, de conferir monumentalidade em consideração ao caráter programático e a vocação bucólica do sítio.

NIEMEYER – 1962

Em 1962, Niemeyer repropõe o projeto da Praça Magna, posteriormente retificado ao restringir a altura da Reitoria em consideração ao caráter bucólico da área. A Reitoria passa a compor com o Museu e a Biblioteca um conjunto de volumes singelos, pondo em destaque a Aula Magna (individualizada pela estrutura) – sede das manifestações mais relevantes da vida universitária.

Os partidos de Niemeyer e Lucio Costa para a praça magna diferem no modo de harmonizar as partes. Para Niemeyer a harmonia, “a subordinação de todas as partes a uma determinada lei” (COSTA, 1962 p. 148), inclui a ordem natural que prolonga, de modo centrífugo, o espaço da arquitetura. No projeto de Lucio Costa as edificações circunscrevem e gravitam de modo centrípeto ao redor de um espaço confinado apartado dos ambientes bucólicos. Niemeyer fundamenta sua abordagem;

O espaço arquitetural é a própria arquitetura, e, para realizá-la, nele interferimos externa e internamente, integrando-a na paisagem e nos seus interiores, como duas coisas que nascem juntas e harmonicamente se completam [...] O espaço arquitetural faz parte da arquitetura e da própria natureza, que também a envolve e limita. Entre duas montanhas ele está presente e nas duas formas se integra como um elemento de composição paisagística (NIEMEYER, 1986, p. 14).

Para fazer face à escala da paisagem, a arquitetura dela se impregna e é por ela impregnada, Niemeyer opta por artifícios que conferem fluidez, continuidade espacial e dimensões proporcionadas ao espaço natural: grandes vãos, balanços e terraços distinguem o Auditório, Museu, Reitoria, Biblioteca, a Praça pela amplitude de dimensões e, sobretudo, o surpreendente projeto do Instituto Central de Ciências.

Niemeyer, ao recuar o prédio do museu e reposicionar a Reitoria, ampliando a Praça, harmoniza a composição à paisagem – manobra enfatizada pela permeabilidade espacial entre a Praça e o Campus devido ao grande porte da estrutura do Museu que expande o piso da Praça –, e difere do caráter dicotômico cidade/campus do projeto de Lucio Costa.

Devido à supressão do pórtico que assinalava o acesso ao Campus Lucio Costa demarca o limiar entre cidade e Campus por uma alameda arborizada.

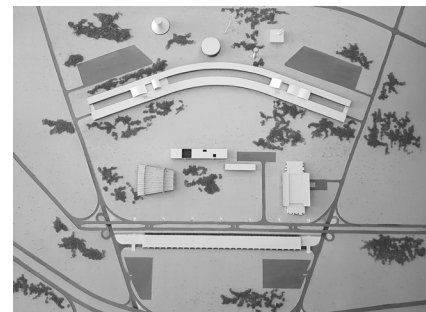
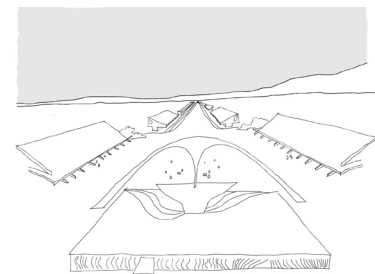
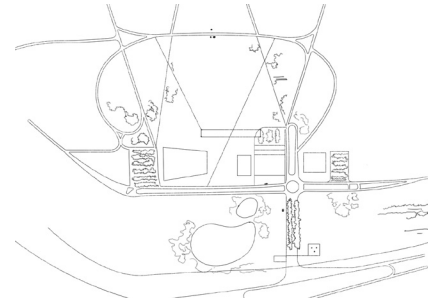


Figura 23 – Plano urbanístico de Lucio Costa.

Figura 24 – Vista da alameda de acesso.

Figura 25 – Lucio Costa – Pórtico da Universidade do Brasil - 1936.

Figura 26 – Niemeyer – Pórtico Sambódromo.

Figura 27 – Instituto Central de Ciências - Oscar Niemeyer.

Para o acesso à cidade Universitária de 1936 Lucio Costa recomenda: “Pórtico de grandes proporções e singeleza [...], leve e vazado, impõe-se que seja denso, coeso compacto” (COSTA, 1995, p. 182). O mesmo tratamento dado ao seu projeto de 1962 contrasta com o pórtico do Sambódromo, cuja medida é a natureza ilimitada, condição que, diz Argan, abaliza a retórica do Barroco: “A arquitetura é uma segunda natureza implantada na primeira, prolongando-a com o concurso da imaginação humana” (ARGAN, 1994, p. 102). Niemeyer admite: “No fundo, apenas as curvas me atraíam, com suas formas barrocas” (NIEMEYER, 1986, p. 23).

Simultaneamente ao projeto da Praça, Niemeyer reúne num monobloco os Institutos de Ciência. Pelo porte, ajuste à simetria e acomodação aos eixos de circulação, o ICC complementaria a Praça Magna, mas tal não sucede devido à distância desmesurada que os separa, agravada pelo desnível de 10 metros em relação à cota da Praça.

O espaço residual persiste até hoje, não obstante o projeto proposto em 2012 que, subsidiado por tratamento paisagístico, visava articular o ICC à Praça, além de incorporar a Aula Magna e o Centro de Vivência.

Figura 28 – Praça Magna, 2012. Matheus Gorovitz, Cláudia da Conceição Garcia, Eder Rodrigues Alencar, Ana Carolina Vaz de Freitas.



NOTAS

¹ “A separação do público e do privado se tornaria um princípio fundador da ordem social: ao privado a liberdade dos indivíduos em toda sua diversidade, ao público a afirmação da igualdade de direitos dos cidadãos” (SCHNAPPER 2000, p. 26-27).

² Grifo nosso.

³ “A própria essência do fato artístico, o seu germe vital, garantirá a permanência da obra no tempo, quando aqueles demais fatores que lhe condicionaram a ocorrência já houverem deixado de atuar sobre ela como manifestação ainda viva e, para sempre, atual” (COSTA 1995, p. 254).

⁴ “A relação dos homens com o sobrenatural é estruturada pelas lógicas de aliança e reciprocidade. Os espíritos estão presentes em todas as coisas, e os ritos visam a propiciar a colaboração deles: é muito mais como um vínculo de troca e de reciprocidade do que como um vínculo de dominação que se dá a relação do homem com o invisível” (LIPOVETSKY 2005, p. 29).

⁵ A Eclésia era a principal assembleia da democracia ateniense na Grécia Antiga.

⁶ Retoma o Partido adotado em 1936 para a Universidade do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, G.C. **L'Âge Baroque**. Genebra: Skira, 1994.
- ARISTÓTELES. **Aristóteles**. São Paulo: Nova Cultural, Col. Os pensadores, 1999.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COSTA, L. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- _____. **Sobre arquitetura**. Porto Alegre: CEUA, 1962.
- RIBEIRO, D. **A Invenção da Universidade de Brasília**. Carta: Falas, reflexões, memórias n. 14. Brasília, Senado Federal, 1995.
- KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- KAUFFMAN, E. **De Ledoux a Le Corbusier**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.
- LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- _____. **Viagem do oriente**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- LIPOVETSKY, G. **O luxo eterno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIEMEYER, Oscar. **As curvas do tempo**. Memórias. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- NIEMEYER, Oscar. **Como se faz Arquitetura**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- RIBEIRO, Darcy. **UnB: Invenção e descaminho**. Coleção Depoimentos, 3º volume. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.
- SALMERON, Roberto A. **A universidade interrompida: Brasília, 1964-1965(a)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- SCHILLER, F. **Sobre graça e dignidade**. Porto Alegre: Movimento, 2008.
- _____. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- SCHNAPPER, D. **Qu'est-ce que la citoyenneté**, Paris: Folio, 2000.
- SCHULTZ, N-B. **La signification dans l'architecture occidentale**. Bruxelles a : Margada, 1997.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy; TEIXEIRA, Anísio. **Plano orientador da Universidade de Brasília**. Brasília, 1962.
- VERNANT, J.P. **Les origines de la pensée grecque**. Paris: Quadrige/PUF, 1981.

Índice remissivo

- Arquitetura moderna 11, 12, 15, 21, 39, 49, 55, 64-66, 68-80, 82, 83, 157, 161, 163, 179, 210
- Biblioteca 29, 31, 32, 42, 43, 54, 60, 70, 82, 164, 167-169, 176, 177, 199, 246-249, 258, 263
- Campus universitário 9, 14, 40, 41, 48-50, 53, 55, 162, 235, 246, 255, 257, 260, 270, 274, 276, 278
- contexto urbano 229
- eixo 9, 10, 15, 25, 26, 31, 47, 50, 52, 55, 60, 61, 157, 162, 164, 168, 170, 177, 260-262
- ensino 912, 15, 29, 38-44, 54, 56, 57, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 91, 163, 165, 166, 170, 180, 195, 227, 229, 244, 245, 250, 251, 258, 269-278
- espaço universitário 9, 10, 15, 87, 179, 269, 275
- faculdade de arquitetura 12, 41, 43, 53, 65, 67, 69, 72, 73, 76, 77, 81-83, 160, 181, 187, 196, 198, 201, 203, 244, 261, 278
- ICC (Instituto Central de Ciências) 9-15, 33, 88, 89, 155, 167, 169-174, 177-183, 187, 188, 191-195, 197, 202, 209-213, 215-217, 219, 225-239, 244, 246, 248, 249, 253, 257-262, 274-277
- infraestrutura 11-13, 53, 56, 57, 62, 82, 89, 90, 188, 190, 197, 198, 199, 261
- inovação 14, 16, 40, 44, 59, 68, 80, 190, 217, 239, 256, 256, 259, 261, 269
- Lucio Costa 9, 10, 16, 21-23, 29, 30-33, 51, 78-80, 157, 158, 161-165, 167, 170, 178, 207, 218, 227, 229, 249, 258, 259, 262, 263, 274
- megaestrutura 9, 10, 12, 15, 88, 92, 93, 272-274
- mobilidade 57, 58, 61
- modernidade 10, 11, 16, 72, 179
- Oscar Niemeyer 9, 10, 13, 14, 21, 67, 79-81, 87, 88, 155, 157-159, 161, 165, 167-171, 173-182, 187, 205, 209, 218, 220, 226, 2227, 232, 236, 238, 243, 244, 248, 256, 258, 259, 274, 275

paisagem 10, 13, 23, 29, 31, 32, 58, 59, 78, 93, 156, 157, 209, 225, 226, 229, 232, 238

patrimônio 66, 69, 70, 77, 78, 82, 83, 159, 258

Plano Diretor 14, 55, 58, 61, 62, 82, 218, 235, 256, 257, 260, 274

Praça Maior | Praça Magna 10, 14, 22, 23, 29-33, 163, 164, 167-169, 174, 176-178, 190, 244, 246, 248, 251, 263

processo histórico 22, 27, 72

projeto arquitetônico 247, 274

Reitoria 31, 32, 43, 50, 52, 54, 55, 58, 69, 71, 81, 88, 164, 167, 168, 176, 177, 199, 246, 247, 261

sistema construtivo 70, 90-93, 181, 209

sistema estrutural 89, 219

Crédito das figuras

ACERVOS:

CEPLAN

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

ICC: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Capítulo 7: 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10

Capítulo 8: 7

Arquivo Público do Distrito Federal

ICC: 26, 37, 38, 39

Capítulo 8: 2, 3, 4, 5

Arquivo Central da Universidade de Brasília

Capa, 1 (antes da apresentação), 2 (após a apresentação), 3 (após o último capítulo)

ICC: 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40

Capítulo 8: 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

Wikimedia Commons

Capítulo 1: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Acervo pessoal de Matheus Gorovitz

Capítulo 1: 28

Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

Capítulo 2: 1, 2, 3, 4

Acervo UFPE

Capítulo 3: 2, 4

IPHAN – PE

Capítulo 3: 3

Plano Diretor Físico – UFPE

Capítulo 3: 5, 10

Acervo Memorial Denis Bernardes – UFPE

Capítulo 3: 6, 7

Acervo FAM/PROPAR/UFRGS

Capítulo 4: 1, 2, 3, 5a, 5b, 12, 13, 14, 15, 8b

Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico – SUINFRA/UFRGS

Capítulo 4: 4, 6, 7, 8a, 9, 10, 11

Acervo PVC/FA/UFRGS

Capítulo 4: 16

Acervo UFMG

Capítulo 5: 1, 4, 5, 6, 10, 11, 12

Prefeitura do Campus

Capítulo 9: 9

Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998) - UnB

Capítulo 11: 1, 2

Google Earth

Capítulo 11: 3

FOTOGRAFIA:

Randal Andrade

ICC: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Paulo Honorato (ilustração)

Capítulo 1: 1, 2, 17, 18, 23, 24, 25, 26

Maria Cláudia Candeia de Souza

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

Diogo Barretto

Capítulo 3: 8

Lucas Jordano

Capítulo 3: 9

Irineu Breitman

Capítulo 4: 3

Sérgio M. Marques

Capítulo 4: 8b

Carlos Alberto Batista Maciel

Capítulo 5: 2, 3, 7, 8, 9

Junia Mortimer

Capítulo 5: 12

Paola Ferrari

ICC: 1, 2, 3

Elcio Gomes da Silva

Capítulo 8: 1

Juliano Caldas de Vasconcellos

Capítulo 8: 12

Cláudia Amorim

Capítulo 9: 4, 5, 6

Caio Silva

Capítulo 9: 7

Nayanna Nobre

Capítulo 10: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

Adaptado de MELLART, J, Catal Hüyük: A Neolithic Town In Anatolia. New York: McGraw-Hill Book Company, 1967, p. 59, 62 e 127. **Capítulo 1: 1**

Adaptado de Claus Roloff in SMITH, M. Gordon Childe and the Urban Revolution: a historical perspective on a revolution in urban studies. TPR, 80 (1), 2009, p. 9. Disponível em: < <https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES->

[-09-Childe-TPR.pdf](#)>. Acesso em: 21 jan. 2022. **Capítulo 1: 2**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy; TEIXEIRA, Anísio. Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília, 1962, p. 22, p. 25 e p. 33. **Capítulo 1: 16, 19**

CABRAL, Renata Campello. Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006, p. 32. **Capítulo 3: 1**

ROMERO, Marta Adriana Bustos; CLÍMACO, Rosana; ANDRADE. Liza (coord). Avaliação ambiental integrada do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília. Relatório. **Capítulo 9: 1, 8**

QUEIROZ, Claudio J. P. V. Instituto Central de Ciências: Plano de Conclusão e Sistematização de Usos. Brasília. Universidade de Brasília, Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Planejamento - CEPPLAN. Brasília, 1990. **Capítulo 9: 3**

MODELAGEM TRIDIMENSIONAL:

Elcio Gomes, Juliano Vasconcellos, José Manoel Sánchez
Capítulo 8: 6, 8, 9, 10, 11

SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL:

Programa Sol-Ar
Capítulo 9: 2a, 2b, 4, 5

Projeto, Ensino e Espaço Universitário: o Instituto Central de Ciências (ICC-UnB) e outras arquiteturas

CURRICULUM RESUMIDO DOS ORGANIZADORES:

Luciana Saboia Fonseca Cruz

Professor Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PPGFAU - UnB) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2019. Foi vice-diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2015-2019) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (2019-2021). Atua como pesquisadora visitante no laboratório Office for Urbanization da GSD Harvard, EUA, pesquisadora associada ao LOCI, UCLouvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica; ao Laboratoire Infrastructure, Architecture, Territoire - LIAT, ENSA Paris-Malaquais, França. Pesquisa e publica sobre a relação entre paisagem, apropriação social e teoria do projeto com enfoque nas questões sobre modernidade, urbanismo moderno e novas capitais.

Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Arquiteta e Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, SOL/UnB (2002) incluindo um período de estágio no Center of Latin American Studies da University of California Berkeley, CLAS/UC Berkeley (2001). Realizou estudos de pós-doutoramento no Laboratoire PACTE, IUG/IGEA - UPMF e foi pesquisadora visitante no Latin American Centre

da University of Oxford. Pesquisa e publica sobre a preservação do patrimônio cultural e suas interfaces com questões da arquitetura e urbanismo modernos, da teoria e ensino de projeto, tendo buscado aproximações recentes com os campos da ciência política e etnografia. Foi consultora da UNESCO no Escritório Nacional em Brasília, em 2009 e hoje coordena o Projeto de Pesquisa Arquiteturas Impressas, parte do Grupo de Pesquisa Documentação, Modelagem e Preservação do Patrimônio Cultural UnB/CNPq, vinculado ao LabEUrbe (PPG/FAU-UnB), Laboratório de Estudos da Urbe do qual foi fundadora e Coordenadora (2013-2015).

Paola Caliarì Ferrari Martins

Arquiteta e Professora do Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordena o Centro de Documentação Edgar Graeff, biblioteca setorial da FAU/UnB (2015). É membro do grupo de pesquisa Topos - Paisagem, Projeto, Planejamento (UnB/CNPQ), e participa da pesquisa Projeto e Representação e Estudos sobre o Projeto de Edificação: ontologia, método e experiência, coordenado pelo prof. dr. Jaime Gonçalves de Almeida. Pesquisa questões relacionadas à concepção e desenvolvimento do projeto de arquitetura, especialmente na temática campus universitário, com interesse na articulação entre o processo de ensino-aprendizagem e o espaço arquitetônico. Está com a tese em elaboração intitulada: “Campus universitário e megaestrutura: o Instituto Central de Ciências e a impermanência da universidade”.

CURRICULUM RESUMIDO DOS AUTORES:

Matheus Gorovitz

Professor titular do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1963), possui mestrado (1989) e doutorado (1996) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; estagio de pós doutorado na Universidade Paris I Sorbonne (2000). Publicou: Brasília, uma questão de escala, Os riscos do projeto e A invenção da Superquadra. Participa do Grupo de

Pesquisa Projeto e Estética sediado na FAU UnB com interesse nas áreas de Projeto e História da Arte e da Arquitetura.

Maria Cláudia Candeia de Souza

Doutora em Arquitetura e Regeneração Urbana pela Universidade de Tóquio. É professora no Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Coordena do grupo de pesquisa “Geometria Construtiva: possibilidades na arte e na arquitetura” (FAU-UnB) e atualmente desenvolve pesquisa sobre arte e arquitetura japonesa contemporânea no Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA-UnB).

Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu

Professor titular e diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB-UFRJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2016. Arquiteto pela Ecole d'Architecture de Toulouse (1992), é doutor em Ciências da Arquitetura pela Universidade de Nantes (1998) com atuação na Universidade de Columbia em Nova York, e outras instituições como ENSA Marseille, ENSA Paris-Malaquais e Université Paris-Est na França. É diretor do UrCA (Urbanismo, Crítica e Arquitetura) - um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo de abordagens alternativas para a cidade contemporânea, com foco especial na urbanização periférica do Sul Global.

Fernando Diniz Moreira

Doutor em Arquitetura pela University of Pennsylvania (2004). É professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi professor visitante na Fu Jen Catholic University, Taiwan (2019), Universidade Técnica de Lisboa (2011) e na University of Pennsylvania (2003-2004), ICCROM Fellow (2008) e Samuel H. Kress Foundation scholar (2003-2004). Bolsista produtividade do CNPQ, coordena o projeto de pesquisa Lugar e Tectônica na Arquitetura Contemporânea com inúmeras publicações no Brasil e exterior. Sua área de interesse reside em teoria e história da arquitetura, história do urbanismo e conservação com experiência profissional em conservação urbana e arquitetônica, tendo participado das equipes dos planos diretores e planos urbanísticos.

Sérgio Moacir Marques

Doutor em Arquitetura Moderna Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor Associado da FA/UFRGS e líder do grupo de pesquisa O ENSINO E A PESQUISA DO PROJETO_A Produção da Arquitetura Moderna e Contemporânea, CNPq/PROPAR. Foi sócio do MooMAA - Moojen & Marques Arquitetos Associados (1987/2019) com projetos premiados e publicados no Brasil e exterior, atua na área de projetos de arquitetura, urbanismo e comunicação visual. Temas de interesse: Ensino do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Arquitetura Moderna, Arquitetura Contemporânea, Arquitetura Latino-Americana.

Carlos Alberto Batista Maciel

Arquiteto, Doutor em teoria e prática de projeto, professor adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG, sócio do escritório Arquitetos Associados. Foi diretor e coordenador geral de projetos do Departamento de Planejamento Físico e Projetos da UFMG entre 2010 e 2013. É fundador do escritório Arquitetos Associados, estúdio colaborativo com prática arquitetônica extensa e reconhecida. Estuda as inserções fortemente influenciadas pela paisagem e suas pré-existências.

Andrey Rosenthal Schlee

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999) e professor Titular da Universidade de Brasília. Foi Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do IPHAN. Dedicou-se à preservação do patrimônio cultural, arquitetura brasileira, arquitetura no Rio Grande do Sul e arquitetura e urbanismo em Brasília, como também às questões relacionadas com a melhoria do Ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Cláudio Oliveira Arantes

Arquiteto e urbanista formado na Universidade de Brasília, atua no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) da Universidade de Brasília desde 2003.

Elcio Gomes da Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto da MGSAR Arquitetos Associados, Analista Legislativo na função

de arquiteto da Câmara dos Deputados e Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. É autor do livro “Os palácios originais de Brasília” (2014). Está vinculado ao projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” integrante do programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Juliano Caldas de Vasconcellos

Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Arquitetura. Integra o projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” vinculado ao programa de pós-graduação da FAU/UnB.

José Manoel Morales Sánchez

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de Brasília (1979), mestrado em Estruturas - COPPE/UFRJ - Programa de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Estruturas e Construção Civil pela Universidade de Brasília (2003). Foi diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Atualmente é professor associado e do docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo com atuação em temas de pesquisa e ensino de arquitetura e engenharia civil.

Cláudia Naves David Amorim

Arquiteta, Doutora em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e Bavarian Centre for Applied Energy Research -ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), atual coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). com ênfase em sustentabilidade e qualidade ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Iluminação natural, conforto ambiental, eficiência energética, projeto de arquitetura, reabilitação de edifícios e simulação computacional. É a atual Diretora de Pesquisa do Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília.

Caio Frederico e Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, atualmente é professor associado vinculado ao Departamento de Tecnologia da FAU-UnB desde 2011. Desenvolveu pesquisas na Universidade Nova de Lisboa (UNL, 2016) e na Universidade de Harvard sobre questões de sustentabilidade, eficiência energética e conforto térmico. É pesquisador do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS/UnB e do Laboratório de Controle Ambiental - Lacam/UnB. Hoje é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Guilherme Oliveira Sales

Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. É pós-graduando no curso Reabilita - Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística e integra o grupo de pesquisa “Simulação Computacional do Ambiente Construído” (SiCAC), ambos registrados no programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Reinaldo Guedes Machado

Professor da Universidade de Brasília, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003) sobre o barroco brasileiro com a tese intitulada “O Púlpito luso-brasileiro”. Arquiteto e Artista plástico atua nas áreas História da Arte e da Arquitetura com ênfase no Desenho e Plástica.

Frederico Flósculo Pinheiro Barreto

Arquiteto, Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), atualmente Professor do Departamento de Projeto e Expressão desde 1992. Foi vencedor do Concurso Nacional de Idéias e Estudos Preliminares de Arquitetura e Urbanismo para a Revitalização da Avenida W-3 em Brasília. Com ampla experiência profissional em arquitetura hospitalar e planejamento urbano atua especialmente nas áreas de projeto em arquitetura e urbanismo. É pesquisador do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília.

A Editora UnB é filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Minion Pro e Bebas Neue Pro.

Este livro chegou em boa hora, e tem como foco um objeto extraordinário: o Instituto Central de Ciências (ICC), edifício estruturador do campus da Universidade de Brasília (UnB), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe. Em abril de 2022, a UnB comemorou 60 anos de existência (1962-2022). O ICC faz parte da história da universidade pública brasileira e foi resultado de uma experiência inovadora de organização universitária aliada ao processo de planejamento espacial e inovação tecnológica construtiva – a pré-fabricação de uma megaestrutura. A proposição foi elaborada por um grupo de educadores, intelectuais e profissionais – arquitetos e engenheiros, principalmente – liderados por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. No livro, o ICC é abordado por diferentes enfoques. Mas chama a atenção o subtítulo discreto de sua capa: “e outras arquiteturas”. Refere-se a uma seção de artigos dedicados a outras universidades nacionais: UFRJ, no Rio de Janeiro; UFPE, em Recife; UFRGS, em Porto Alegre; e UFMG, em Belo Horizonte. Depreende-se da leitura dessa seção fatos intrigantes, por exemplo, a interrupção e posterior abandono de duas experiências de organização institucional universitária: a do campus da UnB e da UFMG. Entretanto, os articulistas não levam em conta as forças nem os atores envolvidos na questão. Porém, a luta atávica pelo poder das corporações da universidade é inquestionável. Temos como consequência a pulverização dos edifícios no campus. O leitor e a leitora encontrarão este e outros fatos acerca do ICC e das outras arquiteturas mencionadas ao longo da obra.

Jaime Gonçalves de Almeida

EDITORA



UnB